

CAMPOS, Ricardo (2023) – *Um tipo de monumento funerário romano: as cupae líticas do Municipium Olisiponense*, Huelva: UHU.ES Publicaciones, (*Onoba Monografías*, 15), 386 pp., ISBN: 978-84-19397-39-3

http://doi.org/10.14195/1647-8657_63_10

Técnico em serviço no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), Ricardo Campos foi um dos que sentiu o apelo das “pedras com letras”, não só atendendo ao acervo fundamental do museu mas também – seguramente – pelo entusiasmo que as descobertas na Vigia do Facho despertaram em toda a equipa, dirigida pelo Dr. José Cardim Ribeiro, a quem o livro em análise é dedicado, “um grande sábio na prática, um grande lírico na alma”, como, no preâmbulo, o qualificam Catarina Gaspar e Helena Gimeno.

Sendo, por outro lado, a cupa um dos tipos de monumentos funerários mais presente na coleção, a curiosidade foi ainda maior: que relação há entre estas cupas do *ager Olisiponensis*, lisas, geometricamente bem talhadas, de inscrição num dos topos, datáveis seguramente do século I da nossa era, e os outros “cupiformes”, de formas idênticas, identificados noutras áreas do mundo romano e datáveis de todo o Alto Império?

De facto, se a palavra ‘cupa’ – de certo modo, a adoção, por via erudita, do vocábulo latino ‘cupa’, pipa – colheu consenso geral, a verdade é que a cupa de Barcelona, com inscrição em tabela lateral (Fig. 8 no livro), difere da cupa de *Aeminium*, mais parecida com ‘arca de piratas’ (*ibidem*, Fig. 3); da do *conventus Pacensis* (Fig. 1) e de *Emerita Augusta*, onde o canteiro caprichou em dar-lhe mesmo um ar de tonel, os aros das aduelas a delimitarem lateralmente o campo epigráfico, ao centro do dorso; ou das achadas na costa meridional algarvia, em que estão lado a lado o monumento funerário de *Patricia* (IRCP 50 – Fig. 5), todo decorado a recordar os motivos florais norte-africanos, e a singeleza geométrica da cupa de *Diodora* (IRCP 44 – fig. 6) com o campo epigráfico rebaixado, numa das pontas do dorso...

Justifica-se, por conseguinte, esta monografia, mormente porque se aprimorou na edição, quer em termos de apresentação – as fotos, a cores, de apreciável dimensão, amiúde em mais do que uma posição e a ocupar toda a página da direita, são do melhor que se tem visto – quer em termos de exaustividade dos dados fornecidos em relação a cada um dos monumentos do *corpus*: 2 monumentos completos, 106 tampas (onde a inscrição se encontra) e 7 blocos inferiores.

O preâmbulo (pp. 7-8) é assinado por Catarina Gaspar e Helena Gimeno Pascual, que apresentam o volume como integrante “no âmbito do projecto do Ministério da Ciência e Inovação do Governo de Espanha: *CIL II: Nueva Edición: -1. Conventus Gaditanus IF/6: Campo de Gibraltar y la Janda. -2. Conventus Scallabitanus IF/2: El litoral de Olisipo a Collipo y de la desembocadura del Tajo hasta Sellium* (PID2019-107905GB-I00)” e realçam a importância da 1ª parte do volume – designada “Uma tipologia funerária romana” (pp. 1-100) – dado que fornece “muita informação significativa, que, organizada com rigor, proporciona ao investigador um instrumento utilíssimo e uma sólida base de comparação” (p. 7).

Assina o prefácio (pp. 8-9) o Doutor Amílcar Guerra, docente de Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, agora emérito, que anota a oportunidade desta investigação e salienta as qualidades do autor: maturidade, olhar sereno, postura calma e ponderada, entusiasmo e capacidade de entrega.

Nos agradecimentos, o Autor assinala a importância que teve para “a génese deste trabalho” a sua participação no I Colóquio de Arqueologia e Historia Antigua de Los Bañales, em abril de 2010, cujo tema foi precisamente “Las cupas hispanas – Origen, difusión, uso, tipologia”.

Confirma-se que o capítulo I – ilustrado por oportunas imagens – se assinala como da maior relevância para o estudo deste tipo de monumentos. Basta enumerar as partes em que se divide. Em “problemas de definição”, situa-se a cupa no espaço e no tempo e abordam-se as várias designações. Em “Os principais núcleos de *cupae* no mundo romano”, temos as da Península Ibérica, as do Sul da Península Itálica, as cupas do Norte de África. “Uma origem ou várias?” é a questão que se coloca depois, na tentativa de uma síntese atendendo às “afinidades e diversidades do universo das *cupae*” (pp. 46-54).

No capítulo “A sepultura romana enquanto casa para a eternidade” (uma noção, confesso, que me é muito cara), aponta-se a ideia de se encarar a cupa como “versão reduzida de mausoléu” (pp. 55-59), proposta que se desenvolverá mais adiante (pp. 76-80).

Inclui o extenso capítulo 5 (pp. 59-100) todos os aspetos de síntese que importaria focar: o material, a identificação dos defuntos, a sociedade, a decoração, a estrutura textual...

O catálogo está organizado geograficamente, por ordem alfabética dos topónimos: concelho, freguesia, localidade. Cada ficha contém todos os elementos em uso, sendo, porém, de salientar – como já atrás se assinalou – a excelente qualidade das fotografias, a permitir mui fácil “regresso à pedra”, para eficaz esclarecimento de leituras. Um exemplo a louvar, pelo incontestável contributo dado ao estudo deste tão discutido tipo de monumento funerário romano.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*Universidade de Coimbra, Centro de Estudos em Arqueologia,
Artes e Ciências do Património*

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>